

FACULDADE CATÓLICA DOM ORIONE

CURSO DE PSICOLOGIA

FERNANDO PHERIKLYS DA SILVA VIEIRA

**DA DEMANDA, AO DESEJO: UMA TRAVESSIA POSSÍVEL
PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA?**

ARAGUAÍNA

2021

FERNANDO PHERIKLYS DA SILVA VIEIRA

**DA DEMANDA, AO DESEJO: UMA TRAVESSIA POSSÍVEL
PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Dom Orione como requisito parcial à obtenção de grau de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Dra. Viviane Costa Barbosa Campos.

ARAGUAÍNA

2021

**DA DEMANDA, AO DESEJO: UMA TRAVESSIA POSSÍVEL
PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA?**

**FROM DEMAND, TO DESIRE: A POSSIBLE CROSSING
FOR THE PSYCHOANALYTIC CLINIC?**

Fernando Pheriklys da Silva Vieira¹

Viviane Costa Barbosa Campos (Or.)²

RESUMO

Este trabalho busca analisar a relação entre demanda e desejo como elementos de uma possível travessia na clínica psicanalítica. O estudo tem como objetivo compreender como os conceitos de demanda e desejo se articulam dialeticamente, assim como investigar se é possível uma passagem da demanda, ao desejo, no bojo de um tratamento analítico. O estudo foi fomentado com base na bibliografia de orientação psicanalítica acerca do tema, em interface com alguns fundamentos da clínica psicanalítica, como inconsciente e transferência. Foi possível verificar diversas literaturas que versam sobre o campo da demanda e do desejo, que nos apontam reflexões relevantes para se pensar o percurso clínico da análise a partir de tal perspectiva. Assim, nos meandros da demanda, ao desejo, se implica a ordenação de uma travessia realizada pelo sujeito, ao passar pela experiência da transferência na análise, onde se pode advir o sujeito do desejo, além da demanda.

Palavras-chave: Desejo. Demanda. Travessia. Transferência. Psicanálise.

ABSTRACT

This work seeks to analyze the relationship between demand and desire as elements of a possible crossing in the psychoanalytic clinic. The study aims to understand how the concepts of demand and desire are dialectically articulated, as well as to investigate whether it is possible to move from demand, to desire, in the midst of an analytical treatment. The study was promoted based on the bibliography of psychoanalytic guidance on the subject, in interface with some fundamentals of psychoanalytic clinic, such as unconsciousness and transference. It was possible to verify several literatures that deal with the field of demand and desire, which point us to relevant reflections to think about the clinical path of analysis from this perspective. Thus, in the intricacies from demand to desire, the ordering of a crossing carried out by the subject is implied, when going through the experience of transference in the analysis, where the subject of desire can arise, in addition to the demand.

Keywords: Desire. Demand. Crossing. Transference. Psychoanalysis.

¹ Graduando em Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione -FACDO.

² Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pela PUC Goiás. Docente no curso de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione - FACDO.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo configura-se num trabalho de conclusão de curso, referente ao final da graduação em psicologia, administrada e coordenada pela Faculdade Católica Dom Orione.

Desde Freud, a psicanálise se propõe a um tratamento singular do sujeito, que sofre com as consequências de seus encontros e desencontros com seu desejo. Nesse contexto, a doutrina analítica situou a questão do desejo em correspondência ao inconsciente. Acompanhamos, com Lacan, as formulações dialéticas envolvendo o campo do desejo e sua relação com a demanda.

Assim, neste trabalho nos propomos a investigar e situar as coordenadas da demanda e do desejo, levando em consideração o processo de uma análise como lugar de travessia e desvelamento para uma posição ética do sujeito.

Afinal, o que vem a ser demanda e desejo? Quais suas relações e articulações na psicanálise? Em que medida podemos pensar ou propor uma travessia clínica da demanda, ao desejo? São estas as questões que buscaremos abordar, com o objetivo de suscitar o pensamento clínico no viés da experiência de transferência como ponto nodal da travessia, dos desfiladeiros da demanda ao (des)encontro do desejo.

A pesquisa que se pretende realizar nasceu do desejo de investigar as relações entre demanda e desejo e compreender se é possível pensar uma clínica cuja direção se dê a partir da travessia da demanda, ao desejo. O título que conferimos ao trabalho dialoga com esse anseio, ou seja, da demanda, ao desejo, constitui uma travessia possível para a clínica psicanalítica? Destaca-se o uso proposital da vírgula para acentuar a proposta de travessia no processo analítico, que será discutida no corpo do texto.

Nosso trabalho se orienta a partir do arcabouço teórico da psicanálise, como base de pesquisa e de estruturação e direção para este estudo. A priori, situa-se a conceituação das noções de demanda e desejo. Em seguida, apresentamos os fundamentos psicanalíticos, desde o inconsciente à transferência. Por fim, discutimos e analisamos os achados teóricos que versam acerca do tema proposto.

Os achados teóricos desta pesquisa buscam corroborar com a diversidade da prática clínica operante na psicanálise, como instrumento reflexivo para estudantes e psicanalistas e para aqueles que, de uma forma ou de outra, se interessam pela discussão e se transferem com a psicanálise.

2 NOÇÕES DE DEMANDA E DESEJO NA PSICANÁLISE

A clínica psicanalítica certamente comporta e sustenta os mais variados fenômenos da experiência humana, cuja implicação se verifica no cotidiano dos sujeitos, desde suas relações no laço social até seus modos particulares de viver. Os fenômenos aos quais a psicanálise se atém são da ordem do inconsciente, de modo que toda experiência humana se constitui a partir de processos fundamentalmente dessa dimensão.

Com o intuito de suscitar uma nomeação ao que vem a ser demanda e desejo na clínica analítica, no bojo da articulação teórica entre as duas categorias conceituais e clínicas, busca-se-á empreender a conceituação psicanalítica de tais noções.

2.1 Desejo

Os fenômenos inconscientes se encontram profundamente arraigados ao desejo, como parte elementar da experiência do sujeito humano. Assim, a constituição psíquica de um sujeito, para a psicanálise, pertence à ordem dos desejos inconscientes, uma vez que a descoberta freudiana do inconsciente remonta a uma questão sobre o desejo.

Desse modo, é preciso argumentar que uma psicanálise diz respeito, dentre outras coisas, da relação entre inconsciente e desejo, de como o humano experimenta a realidade a partir de uma condição desejante, sobretudo dos desejos ditos inconscientes. Diga-se, dessa maneira, que não se trata de desejos conscientes para a psicanálise.

Para uma explanação acerca do desejo, é importante situá-lo desde o seu limiar na psicanálise, assim como torna-se imprescindível apontar as principais definições e passagens em Freud e depois dele.

O desejo, na obra freudiana, se refere a um retorno às experiências de satisfação outrora vivenciadas por um sujeito, ou mesmo um modo de restituição da relação prazer-desprazer, cuja insistência é marcante em sua trajetória como vivente.

Em Freud (1895/2016), encontramos os primeiros indícios sobre a dimensão do desejo no Projeto para uma psicologia científica (1895), no qual temo-lo como retorno a traços mnêmicos de satisfação, retorno a uma primeira experiência pela qual o sujeito (infans) passou e tenta, num a posteriori, uma espécie de movimento de retorno alucinatório, um estado repetitivo de desejo.

Se foi no Projeto para uma psicologia científica que Freud (1895/2016) inaugurou a temática do desejo, ele a abordou com mais êxito e fundamentação em A interpretação dos

sonhos (1900/2019), obra na qual apontou o fenômeno do sonho como meio de realização de desejos inconscientes, onde defende que estes motivam a atividade onírica.

Freud (1900/2019) utiliza o termo alemão *Wunsch* para fazer referência ao desejo. A descoberta, se assim podemos dizê-la, da realização de desejos através dos sonhos, por Freud (1900), marcou, sem dúvida, a formulação freudiana de inconsciente, na medida em que o inconsciente “passa a ser um reino psíquico particular, com desejos próprios, forma de expressão própria e mecanismos psíquicos que lhe são peculiares [...]” (FREUD, 1916/2014, p. 286).

Com essa descoberta, ou se preferirmos o termo formulação, Freud (1916/2014) tensiona, a partir da experiência analítica dos sonhos, os mecanismos existentes nestes para a concepção de desejo. Freud (1916/2014) estava interessado em desvelar se a realização de desejos tinha certa relação com os sonhos ditos deformados. É nesta investigação freudiana que encontramos o cerne da questão do desejo inconsciente.

É digno de nota que, ao aproximar o fenômeno do sonho deformado com a dimensão do desejo, Freud (1916/2014, p. 289) afirma que “nesses sonhos [...] lidamos com desejos proibidos, repudiados pela censura, desejos cuja existência é a própria causa da deformação, o motivo da intervenção por parte da censura do sonho”. Ora, a própria existência do desejo já conduz à deformação do sonho, o que faz do desejo efeito e causa de deformação, sendo ele próprio deformado, nunca evidente para o sonhador, a não ser por meio da interpretação analítica.

Cabe destacar que o enredo freudiano acima erguido nos interessa enquanto ponto de partida para a argumentação sobre a temática do desejo, e não levá-lo a sua exaustão teórica. Trata-se, não de percorrer toda a narrativa acerca do sonho e do desejo, mas de compreender o surgimento e as primeiras noções do desejo no campo psicanalítico.

Partindo de Freud, encontramos em Lacan um desenvolvimento denso acerca do campo do desejo, a qual o psicanalista francês se dedica a investigar em seus Seminários e Escritos. Lacan (1958/2016, p. 11), no seminário 6 sobre o desejo e sua interpretação, questiona a que título a psicanálise intervém nos fenômenos da realidade, e responde que é “na medida em que põem em jogo o desejo”. Essa passagem em Lacan nos aponta a importância do desejo para o terreno psicanalítico, e nos é precisa para o que nos propomos aqui suscitar.

“A história do desejo”, diz Lacan (1959/2016, p. 386), “se organiza num discurso que se desenvolve no insensato. Isso é o inconsciente”. Assim como foi verificado por Freud,

Lacan também aponta para a relação entre desejo e inconsciente, em suas articulações de divisão e de contrariedade, nos meandros da insensatez.

Com o valor que Lacan fornece ao campo da linguagem para pensar e fazer psicanálise, as formulações acerca do desejo não seriam exceção na interface com esse campo. Lacan (1958/2016, p. 14), ainda no seminário 6, afirma “que a situação do desejo está profundamente marcada, amarrada, presa a certa função da linguagem, a uma certa relação do sujeito com o significante”.

A noção que Lacan (1964/2008) concede ao desejo, e que se sustenta ao longo de seu ensino, é o desejo como falta-a-ser, que está sempre num para-além, não fixado a nenhum objeto. Lacan (1964/2008) abre espaço para pensar o desejo a partir da hiância própria do inconsciente, como lugar indeterminado, como falta-a-ser, mais e mais, de um caminho que nunca se chega, por mais que o sujeito o suponha.

Segundo Lacan (1964/2008, p. 38), “o desejo encontra [...] seu limite, e é em relação a esse limite que ele se sustenta como tal”. Essa afirmativa pode nos parecer paradoxal, mas o que Lacan propõe como limite não é dizer sobre o fim, mas sobre dizê-lo como causa de desejo.

Sobre o que vem a constituir o lugar de causa de desejo, Lacan nomeou e formulou o objeto pequeno *a*, como objeto do desejo. Nas palavras de Quinet (2012, p. 34) “o objeto *a* é aquilo atrás do qual passamos a vida correndo. Procuramos aquele objeto que um dia nos deu uma suposta satisfação sem igual”.

Pode-se afirmar, com o exposto acima, que o desejo enquanto desejo inconsciente firma-se como uma categoria singular para a psicanálise, não como desejo a ser realizado e satisfeito, mas a estar em movimento, pois, em outras palavras, uma posição de desejo é uma posição desejanse.

É nessa direção que situamos a questão do desejo. A prova disso é que ele não é tê-lo (recebê-lo ou dá-lo), nem tampouco sê-lo, e sim, precisamente, falta-a-ser.

2.2 Demanda

É sabido que uma criança, ao nascer, entra no reino das necessidades, pois há uma insistência natural pela sobrevivência. Nessa ordem, o infans encontra aparatos ao seu redor, alguém que o alimenta, acalma, apazigua do desamparo inerente ao ser humano. Há um outro, portanto, que o recebe (QUINET, 2000).

Na perspectiva de Lacan (1957-58/1999), não se trata apenas de um pequeno outro, mas de um Grande Outro³, e trata-se de um Outro fundamental que marca um ponto de origem, a mãe enquanto função, ou melhor, como Outro provedor.

Dessa ordem, é ao Outro, como lugar simbólico, que se demanda, afirma Lacan (1958/1998). A mãe está no lugar desse Outro primordial, e é nesse eixo que se inscreve a demanda, já não mais puramente a necessidade.

Se a necessidade diz de um fator natural de garantia da vida do organismo infantil, a demanda diz de um processo desnaturalizado pela linguagem, ou melhor, pelo significante, de uma filtragem na qual a "onipotência materna" produz no registro das necessidades, fabricando demandas. Segundo Lacan (1958/1998, p. 624):

[...] convém lembrar que é na demanda mais antiga que se produz a identificação primária, aquela que se efetua pela onipotência materna, ou seja, a que não apenas torna dependente do aparelho significante a satisfação das necessidades, mas que as fragmenta, as filtra e as molda nos desligamentos da estrutura do significante.

Quinet (2000) argumenta que a demanda se faz no apelo do sujeito dirigido ao Outro, onde o sujeito busca uma proporção que o satisfaça. Na demanda, diz Quinet (2000, p. 88), “há sempre pedido de restituição de um *status quo ante*, de um estado anterior de complementação" suposto pelo sujeito.

Nessa condição, é a partir da introdução de uma demanda que se opera o início da experiência analítica. Lacan (1998) afirma que a demanda é o que se põe entre parênteses na análise, é por onde o sujeito se lança em sua posição de falante, e o analista sustenta tal demanda a fim de suscitar, no sujeito, os significantes desse discurso.

Na produção de sua fala o sujeito é tomado para além do que quer que seja dito, ao ponto que “toda fala é uma demanda” e esta se localiza em tudo que é enunciado. Quinet (2000, p. 89) expressa que o enunciado “é a própria dimensão da demanda, a qual não visa a um objeto, e sim ao Outro a quem dirijo minha fala: ela é um apelo ao Outro”.

De acordo com Edler (2014, p. 80) “o sujeito expressa suas necessidades por meio de um apelo dirigido ao Outro”. Com isso, Edler (p. 80) afirma que “a demanda implicaria, assim, a articulação em palavras, ou seja, pela via significante, de um pedido direcionado a alguém”.

Miller (1997) apresenta a demanda como condição fundamental do sujeito. É pelo fato de existir enquanto ser falante e estar enlaçado pela linguagem que este sujeito vive em

³ Lugar simbólico marcado pela linguagem; lugar do inconsciente. Lacan utiliza Outro em maiúsculo para diferenciar de outro, que significa pessoa ou indivíduo.

demanda, como afirma Lacan (1960/2010). Nessa perspectiva, não há outra saída para tal sujeito, nem tampouco outra entrada, pois desde que veio ao mundo não fez outra coisa senão demandar, “só pôde viver por isso” (LACAN, 1958/1998, p. 623).

Segundo Lacan (1958/1998), é através da demanda que se pode ter abertura de toda experiência passada do sujeito. Se é dito que uma demanda funda uma análise é porque o sujeito fala, e ao falar, pede, mesmo que implicitamente, uma resposta. Assim, pode-se elevar tal demanda à condição de pedido, e é precisamente isto que um sujeito realiza: pede que o analista o cure, dê respostas, satisfaça à sua intimação.

Ainda para Lacan (1961/2010. p. 252), a demanda comporta certa ambivalência, pois ao articular um modo de satisfação em si, ao mesmo tempo, no sujeito, há algo que “não quer que ela seja satisfeita”.

Fink (2018), em consonância com Lacan, afirma que a demanda é sempre repetitiva e naturalmente está atrelada à uma fixação. Desse modo, é a partir de um lugar sintomático que o sujeito demanda, por estar acometido pelo sintoma e nele não se implicar, endereçando, repetidamente, um pedido de ajuda para dele se desvencilhar. Mas tal endereçamento é feito ao analista, que se priva, enquanto função, de lhe dar respostas.

3 FUNDAMENTOS DA CLÍNICA PSICANALÍTICA

A noção de inconsciente inaugurada por Freud fundou o campo epistêmico, e sobretudo ético, chamado psicanálise. A fabricação freudiana do inconsciente não só inaugurou um campo de saber, como também fez emergir um modo de tratamento psíquico.

Um estudo sobre o que se configura como demanda e desejo na clínica psicanalítica, urge da necessidade de se pensar os desdobramentos clínicos e teóricos de tais noções, e o que trazem de implicações para o fazer clínico.

Apesar de se constituírem em elementos recorrentes no campo psicanalítico, demanda e desejo são elementos que não cessam de se inscrever na experiência analítica e no bojo teórico da psicanálise, como verifica Miller (1995).

Assim, situar o que se delineia numa psicanálise enquanto teoria corresponde a um trabalho, não sem esforço, articulado ao que se produz enquanto experiência da clínica do um a um dos sujeitos. Não se trata de uma mera aplicação de paradigmas teóricos universais, mas de uma produção singular. Lacan (1960/2010, p. 105) afirma que “a teoria não é [...] a abstração da práxis”, um paradigma a ser aplicado, uma referência de um dado, mas sua constituição é a “própria práxis”.

A psicanálise sustenta a elucubração de um saber sobre o inconsciente. Ao apontar e justificar a existência do que chama inconsciente, Freud (1915/2010) o fez em vistas às lacunas da dimensão consciente existentes no humano, cujo pensamento racional do século XIX não dava conta de aprendê-las ou pensá-las, sequer considerava sua existência. Assim, Freud (1915/2010) dá nome a estas lacunas e localiza as formações do inconsciente.

Do ponto de vista da psicanálise, a realidade é psíquica e se inscreve numa dimensão discursiva inconsciente. Segundo Freud (1915/2010, p. 80) “na psicanálise, não temos outra opção senão afirmar que os processos mentais são inconscientes em si mesmos”. A descoberta do inconsciente, por Freud, anunciava, ainda no final do século XIX, a ruptura com a primazia filosófica do cartesianismo (do “penso, logo existo”) e apontava os novos rumos do pensamento moderno.

Além de descobrir o inconsciente, Freud constrói um denso arcabouço teórico para dar consistência à sua posição. Para ele, o inconsciente se revela nos detalhes mínimos do cotidiano, através de lapsos da fala, esquecimentos, negações, equívocos, etc., cuja expressão refere-se aos desejos reprimidos (FREUD, 1901/1987).

Lacan formaliza o inconsciente enquanto estrutura de linguagem. Em seu retorno à Freud, Lacan (1964/2008, p. 126) localiza o inconsciente como um acontecimento de linguagem, como “a soma dos efeitos da fala, sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante”.

Segundo Lacan, (1964/2008, p. 34) o inconsciente é o que vem a vacilar no sujeito. Em suas palavras, “o inconsciente se manifesta sempre como o que vacila num corte do sujeito - onde ressurge um achado que Freud assimila ao desejo - desejo [...] em que o sujeito se saca em algum ponto inesperado”.

Com essa formulação, Lacan apresenta o inconsciente em sua relação com o desejo, onde se coloca o inesperado como lugar possível para as manifestações do inconsciente, como no chiste, nas repetições sintomáticas, nos sonhos, no ato falho, e assim por diante.

Ainda para Lacan (1973/2008, p. 102), o inconsciente trata-se de um saber, não um saber sabido, mas um saber do qual não se sabe, “um saber que se baseia no significante”.

Seguindo essa mesma formalização, Nasio (1993, p. 52) define o inconsciente como “um saber que não podemos apreender diretamente”. Ou seja, trata-se de algo da ordem do inapreensível, intangível, mas nomeável enquanto saber. Por sê-lo assim, só o é evidenciável num ato específico, o ato analítico.

Com vistas à delimitação do tema da pesquisa que será empreendida, aponta-se como objeto de estudo e análise as relações entre demanda e desejo na clínica psicanalítica, de

modo a situar essas concepções teóricas existentes em tal clínica e suas correspondências e aproximações com a prática e experiência analítica, possibilitadas pela iminência dos fenômenos de transferência.

3.1 Sobre a Transferência

A transferência marca os pontos de travessia de uma análise. Uma travessia aponta para uma passagem de um estado ao outro, de um começo ao fim. Nessa condição, a proposição de uma travessia da demanda, ao desejo, só pode ser realizada, em sua condição teórica e clínica, sob a iminência da transferência.

A noção de transferência, na psicanálise, configura-se numa marca fundamental para a constituição da clínica psicanalítica. Indiscutivelmente, trata-se de um dos conceitos mais importantes para os praticantes desta clínica, pois é sob transferência que uma psicanálise acontece e é dela que se extrai um modo de tratamento singular.

Não obstante, a transferência enquanto conceito advém da teorização de uma experiência - se assim podemos dizer -, uma experiência sustentada sob a égide do inconsciente, na qual se realiza a repetição ou a reatualização de afetos, desejos, demandas, identificações concernentes à condição de ser humano.

Num processo analítico, um sujeito, sob transferência, manifesta seu modo de engendramento com a linguagem e revela, em palavras, o que deu conta de apreender em sua experiência. Em outras palavras, este sujeito, ao falar, além de contar a sua versão de sua história, ele traz pedaços de seus sintomas e as configurações de sua constituição psíquica, em termos de Simbólico, Imaginário e Real (LACAN, 2005).

Se o inconsciente constitui-se a pedra angular da psicanálise, a noção de transferência tem lugar imprescindível na técnica psicanalítica. Freud (1912/2019, p. 118) elege o “fenômeno da transferência” como um dos pilares do tratamento analítico. Para ele, tal fenômeno é inevitável e se apresenta como de difícil controle para o psicanalista, mas é justamente essa dificuldade que modula o “serviço de tornar manifestas e atuais as moções amorosas ocultas e esquecidas dos pacientes”.

Em outras palavras, o ponto nevrálgico da transferência é que a mesma faz emergir a suposição de um amor, a exigência de reconhecimento do paciente pelo analista. Nesses termos, a transferência é uma forma de encontro amoroso, no qual o amor em questão é um amor de transferência (LACAN, 1960/2010).

Todavia, tanto Freud como Lacan acentuam que há transferência quando um sujeito se dirige a outro. Mas essa suposição por si só não seria suficiente para a clínica psicanalítica, uma vez que não teria valor de tratamento, constatado por ambos autores em suas respectivas formalizações (DOR, 1989).

O que vem fundamentar, então, a transferência como dispositivo ou mecanismo de tratamento? O uso que se faz dela para operar clinicamente, ou ainda, o modo como o analista se serve dela para dirigir o tratamento.

Freud (1912/2019, p. 114) afirma que “o mecanismo da transferência resolve-se a partir de seu retorno à disponibilidade da libido” endereçada à figura do analista, isto é, a transferência é uma modalidade de retorno de desejos inconscientes.

Por assim concebê-la, Freud (1914/2019) aponta o manejo da transferência no tratamento analítico como modo particular de lidar com a repetição de sintomas pelo paciente, uma espécie de "compulsão à repetição", além das resistências contra a sua realidade psíquica e seus desejos inconscientes.

Lacan (1964/2008, p. 225), em sintonia com Freud, sustenta a transferência como fenômeno essencial em que participam sujeito e analista, fenômeno “ligado ao desejo como fenômeno nodal do ser humano”.

Não à toa, Lacan (1964/2008, p. 135) introduz a noção de transferência como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise⁴, juntamente com o de inconsciente, pulsão e repetição. Para o autor, “a transferência é a atualização da realidade do inconsciente”, e é ela que localiza o início da psicanálise.

Assim, atravessado por um mal-estar do qual se queixa, por um sintoma que nada ou quase nada sabe sobre, o sujeito em análise atualiza através da transferência sua realidade inconsciente, realidade que desde Freud dizemo-la reino dos desejos reprimidos.

Quinet (1991) afirma que o estabelecimento da transferência diz respeito ao momento da constituição do sintoma propriamente analítico, uma vez que aparece o lugar do sujeito suposto saber, referenciado por Lacan⁵ como o ponto nodal da transferência, ou melhor, fundador dos fenômenos de transferência.

Lacan (1960-61/2010, p. 12) concebe a transferência, no seminário livro 8, como “o núcleo de nossa experiência”. Nessa mesma direção, o autor diz crer “que a transferência tem

⁴ Título que confere ao Seminário, livro 11.

⁵ LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola.. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

sempre o mesmo sentido, de indicar os momentos de errância e também de orientação do analista” (LACAN, 1951/1998, p. 225).

A concepção acima nos permite pensar a transferência como o ponto balizador do que se passa numa análise, uma vez que é ela própria [a transferência] o suporte do tratamento analítico e é o analista quem a maneja.

A função transferencial, portanto, por estar intimamente vinculada à função do sintoma como uma formação do inconsciente e ao mesmo tempo como expressão do desejo, é função do paciente/analizando. Ao analista cabe utilizá-la.

Conforme Soler (2013), ao colocarmos em questão uma experiência de análise, fazemos alusão, a priori, à transferência, ou seja, a uma experiência de transferência a ser manejada por um analista, do início ao fim de uma análise.

Cabe, portanto, afirmar que a transferência enquanto experiência propriamente analítica se constitui no divisor, ou melhor, no ponto chave da passagem de uma condição a outra, da demanda, ao desejo.

4 METODOLOGIA

Para a elaboração do presente trabalho, utilizou-se da pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico. Assim, buscou-se através de literaturas do campo psicanalítico, materiais que versassem acerca das noções de demanda e desejo no viés de uma travessia clínica.

A partir da delimitação da pesquisa, foi realizado levantamento bibliográfico em plataformas online, como o Google Acadêmico e Scielo, e em obras psicanalíticas, de autores como Freud (1856-1939), Lacan (1901-1981), Quinet (1951-), Soler (1937-), dentre outros. Porém, optou-se priorizar as obras clássicas por conterem material suficiente para o embasamento teórico.

Observou-se, ainda, que os artigos encontrados continham em sua maioria as mesmas referências clássicas estudadas e trabalhadas nesse estudo. Por essa razão, sem desconsiderar a relevância presente nessas publicações, decidimos construir um ciframento teórico próprio a partir das obras clássicas.

A pesquisa foi realizada em uma abordagem qualitativa do tema proposto, com uma natureza básica, e seu objetivo foi equivalente a uma pesquisa de cunho exploratório.

Sobre a pesquisa teórica em psicanálise, Couto (2010) afirma que no campo psicanalítico tem sido a mais utilizada e aceita por seus membros, chegando a ser considerada

por Garcia-Roza a única forma possível para se empreender pesquisas na psicanálise, embora hajam outras modalidades das quais os psicanalistas fazem uso.

Em relação à pesquisa teórica, Garcia-Roza (1993, p. 121) defende que a mesma visa “submeter a teoria psicanalítica a uma análise crítica com a finalidade de verificar sua lógica interna, a coesão estrutural de seus conceitos e as condições de sua possibilidade”.

Com o exposto, a pesquisa que se pretende realizar se compreende nessa lógica de se observar as condições e as possibilidades de formalizações, de apontamentos acerca do que propomos enquanto uma travessia, da demanda, ao desejo.

5 DISCUSSÃO

Para a psicanálise, um tratamento analítico é da ordem de um acontecimento singular, no qual se encadeia e se desencadeia, sob transferência, enunciados e enunciações de um sujeito. Por evocar e sugerir a dimensão de um inconsciente ético, é a nível de um dizer e de uma verdade que uma análise opera.

A partir do que se empreendeu no estudo aqui arquitetado, daremos sequência à discussão trazendo à luz as articulações entre desejo e demanda como elementos de um percurso e uma travessia clínica.

É entre percursos e percalços que um sujeito chega numa análise. É também com seu sintoma e com as consequências dele. Começaremos observando que não há análise sem demanda, mas é para além dela que uma análise acontece.

Um sujeito, em análise, sempre pede algo. É na condição de demandante que pede uma cura, pede respostas para o fora de sentido da vida, pede reconhecimento, aprovação ou até mesmo uma interpretação. Mas como somos advertidos desde Freud, a não responder às demandas do paciente, é preciso ir mais além.

Se um sujeito que procura uma análise demanda uma resposta ou seja lá o que for do analista, este, como indica Lacan (1958/1998), lhe frustra, pois não é disso que se trata. Freud (1917/2014, p. 587) vai direto ao ponto ao dizer que “é coisa fora de questão ceder às demandas do paciente decorrentes da transferência”.

Ora, se não se pode atender à demanda, por que então sustentá-la? Lacan (1967/2003, p. 343) aponta que atender a uma demanda é inviabilizar o seu para-além e o seu para-aquém, isto é, o desejo, “uma vez que o que se demanda, de qualquer modo, é Outra Coisa, e que é justamente isso que é preciso vir a saber”. Ao mesmo tempo, é preciso sustentá-la para que o sujeito se implique nos significantes de seu discurso (LACAN, 1958/1998).

Ao que parece, o que se precisa vir a saber da ordem de Outra Coisa além das insígnias da demanda, é o que traz notícias da falta e que se faz sempre perdido, isto é, o objeto a, como causa de desejo. Saber, é precisamente a isso que se resiste, saber sobre o desejo, e é para lá que se dirige um tratamento analítico (LACAN, 1958/1998).

Nesse ponto de disjunção do pedido endereçado ao analista, o mesmo "não responde à demanda [...] porque ele mesmo sabe que o pedido do analisante, pelo fato de se articular em significantes, deixa correr sob ele um resto metonímico", isto é, está para além do que se pede (LÉVY, 2004, p. 98).

Lévy (2004, p.224) aponta, ainda, que é na inscrição do inconsciente estruturado como uma linguagem⁶ que se configura "a relação que o sujeito nutre com sua própria demanda, [...] demanda à qual o analista não responde, mas que ele interpreta para além, no registro do desejo".

Nesse sentido, Lacan (1959/2016, p. 306) evoca que "é para além das necessidades da demanda que o sujeito deve passar na medida em que busca reencontrar seu desejo no seu caráter ingênuo", ou seja, um caráter de desejo de desejo.

Há uma cava na demanda, de onde se manifesta o desejo, afirma Lacan (1958/1998). Essa cava pode ser verificada na clínica no ato de retificação subjetiva realizado pelo analista, como forma de intervenção do mesmo.

Segundo Quinet (1991), a retificação subjetiva diz respeito a uma interpretação de corte na queixa que o paciente endereça ao analista, com o objetivo de implicar o sujeito em sua própria reivindicação. Um exemplo de retificação subjetiva muito conhecido na psicanálise é o caso Dora, no qual Freud (1905/2016) pergunta qual é a responsabilidade de Dora diante da desordem da qual ela se queixa.

Assim, a retificação é o que cava, corta a demanda do sujeito, para que haja a admissão da dimensão ética da psicanálise, da ética do desejo, ética que se propõe a fazer perguntas, a indagar, a questionar (QUINET, 1991). Neste sentido, Fink (2018, p. 37) observa que numa análise conduzida com essa perspectiva:

O paciente abre mão de certa fixação em prol do desejo, do prazer que vem da metonímia do desejo, implicando o termo metonímia, aqui, simplesmente que o desejo se desloca de um objeto para outro, que, por si só, o desejo envolve um deslizamento ou movimento constante. O desejo é um fim em si; ele busca apenas mais desejo, não a fixação num objeto específico.

⁶ Formulação que Lacan utiliza para caracterizar sua noção de inconsciente, a partir das teorias estruturalistas.

Enquanto a demanda se encontra fixada num objeto, como forma de realizar no sujeito um júbilo gozoso por sua condição de eterno pedinte, uma vez que é incondicional, o desejo está em constante dialetização, por está além e aquém da demanda.

Esta demanda da qual falamos “constitui uma reivindicação eternizada no sujeito, embora latente e inacessível a ele”, segundo Lacan (1961/2010, p. 127). Com sua elegante ironia, Lacan (1961/2010, p. 127) caracteriza tal demanda como “um estatuto, um caderno de atribuições” que o sujeito encarna.

Na demanda o sujeito se apresenta assujeitado, pois é ao Outro que se dirige e é ele quem comporta sua suposta verdade; no campo do desejo, por outro lado, há sujeito que não se assujeita completamente, já que há, em sua condição desejante, não um falta-a-ter (a resposta do Outro), mas um falta-a-ser, para além do Outro.

Lacan (1962/2005, p. 31) concebe que é no lugar do Outro que o desejo se forma, anunciando que “o desejo do homem é o desejo do Outro”. Mas na construção do grafo do desejo à certa altura do seminário 6, Lacan (1959/2016, p. 307) observa que o desejo está “flutuando em algum lugar para além do Outro”, isto é, além da relação do sujeito com a demanda.

Apesar de se constituírem em elementos de uma composição dialética entre si, demanda e desejo se afastam como categorias clínicas, na medida em que propomos um processo de travessia. Se por um lado a demanda é o que excede, por outro, o desejo é o que falta.

Mengarelli (2014, p. 266), afirma que “a demanda para no objeto”, enquanto que o “desejo se desloca na interminável viagem dos significantes”. Numa equivalência com o que Lacan⁷ chama de enunciado e enunciação, é possível sugerir que nesse ponto em que a demanda para, é o ponto de um enunciado; já no deslocamento do desejo temos o equivalente a uma enunciação.

Se pensarmos a demanda como Fink (2018) nos propõe, enquanto repetição, estaremos diante de uma suposição de gozo, uma vez que a repetição equivale a um acontecimento da ordem do gozo (VITTAR, 2014). Neste sentido, a proposição de esvaziamento da demanda seria correlata a um esvaziamento de gozo, do que se repete.

Lacan (1960/1998, p. 839) aponta que o desejo se institui enquanto algo que opera “uma proibição de ultrapassar um limite no gozo”. Ao analisar essa passagem de Lacan, Fink

⁷ LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

(2018, p. 201) afirma que o “desejo é sempre uma defesa”. Assim, na ordem do desejo temos uma defesa contra o gozo, no qual o desejo viria a exaurir os excessos de demanda.

É preciso situar que é por meio da transferência que ocorrem os reviramentos clínicos de uma análise. De acordo com Lacan (1964/2008, p. 261), “a operação e manobra da transferência devem ser regradas” de modo que se mantenha a distância entre o ponto em que o sujeito se veja amável e se veja causado por sua divisão de sujeito.

No manejo transferencial, o analista, segundo Lacan (1961/2010), ao lançar mão de uma interpretação precoce, por exemplo, não opera de modo a cavar a demanda e visar o seu além. Neste sentido, Lacan (1961/2010, p. 260) adverte que:

Todo modo prematuro da interpretação é criticável, na medida em que esta compreende depressa demais, e não percebe que o que há de mais importante a compreender na demanda do analisante, é aquilo que está para além dessa demanda. É a margem da incompreensão, que é a mesma do desejo. É na medida em que isso não é percebido que uma análise se fecha prematuramente, e, em suma, fracassa.

Quando Lacan evoca o desejo como margem da incompreensão, aponta para ele como o x do sujeito, pois a posição do desejo consiste em ser enigmático (1959/2016).

Lacan (1959/2016, p. 438) afirma que no desejo o sujeito se conta. Com essa afirmativa, é possível sugerir que, do lado da demanda, o sujeito é contado, almeja ser contado. Em outras palavras, na demanda o sujeito pede que o outro conte, enquanto que do lado do desejo, quer contar. Assim, “no desejo , nós nos contamos contando”.

A psicanálise sustenta a noção de um sujeito dividido, e esse é o sujeito do desejo, desejo que faz laço. O desejo é o movimento com o qual o sujeito faz laço com a vida (SOLER, 2016).

Propõe-se, assim, uma clínica orientada, em seu início, para os desdobramentos da demanda e o advento do desejo, uma travessia que ultrapasse a infinitização da demanda e faça emergir seu aquém e seu além, isto é, o desejo como condição absoluta. A afirmação lacaniana de que “o que está em questão na análise nada mais é que a emergência da manifestação do desejo do sujeito” confere o sentido de nossa proposição (LACAN, 1961/2010, p. 247).

Neste sentido, o início de uma análise talvez testemunhe um (a)sujeito que vive a demanda além do desejo. Ao ser destituído desse lugar de demanda, há a iminência de um sujeito que vive o desejo além da demanda. Em outras palavras, opera-se uma inversão na lógica do que se experiencia na análise.

Miller (1995, p.29) afirma que “na análise, o sujeito aprende a não pedir mais. Aprende que toda demanda é fundamentalmente sem saída, aprende a desistir da própria demanda”. Para o autor, o que se produz é uma mudança de posição subjetiva.

Quando evocamos a proposição da demanda, ao desejo, fazemo-lo com a intenção de demarcar, com o uso da vírgula, a dimensão reticente entre um e outro, como processo favorecido e realizado apenas no âmbito de uma psicanálise.

Cabe, ainda, assinalar que essa dimensão reticente diz respeito ao ato analítico e ao trabalho de análise que se empreende pelo analisando, com o suporte da transferência manejada pelo analista.

O ato analítico visa, nesse sentido, fazer advir o sujeito do desejo lá onde paira a consistência da demanda, visa produzir a passagem de uma posição de pura demanda e alienação para o advento de uma posição desejante, de uma singularidade de sujeito. Assim, nos meandros da demanda, ao desejo se implica a ordenação de uma travessia realizada pelo sujeito, ao passar pela experiência de análise e pela direção que o analista o convoca.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos dialeticamente as articulações entre demanda e desejo, foi possível construir um percurso que desvelasse a possibilidade, interrogada a priori nesse estudo, de travessia referente à demanda e ao desejo. A partir do ciframento teórico-clínico realizado, nossos achados apontam para uma possibilidade de travessia da demanda, ao desejo.

Se no início de uma análise há um endereçamento de uma demanda ao analista, que visa o seu para-além, é certo que um ato por parte dele é executado. Freud (1913/2019) definiu o tratamento de ensaio como o momento inicial da análise, ou seja, para ele trata-se de uma fase que antecede uma análise propriamente dita. Em síntese, tal tratamento de ensaio refere-se às entrevistas iniciais. Nesse caminho, Lacan (1958/1998) denomina esse momento de entrevistas preliminares.

No tocante ao início do tratamento, em psicanálise, a queixa ou demanda do paciente é colocada em questão pelo analista, isto é, o que seria um simples queixar-se se torna um problema, ou melhor, passa a ter uma função analítica. Com sua demanda em questão, o paciente pode se encontrar convocado pelo desejo de análise, e passar a se implicar em sua própria demanda. Uma travessia da demanda, ao desejo, assim, ocorre logo no início do tratamento, com as entrevistas iniciais.

Entretanto, como um sujeito vive em demanda e vive a demandar, essa travessia que se produz no processo de análise é perdurável, uma vez que, com a transferência, o analista continuará com seu ato de retificação, visando o advento do sujeito do desejo.

Em linhas gerais, pode-se concluir que o estudo sobre demanda e desejo, enquanto elementos clínicos de um processo de travessia analítica, apresenta significativa relevância para se pensar a clínica enquanto percurso e para fomentar reflexões e orientações para praticantes da psicanálise. Deste modo, pensar a travessia da demanda, ao desejo, nos convoca para o estudo e transmissão da psicanálise.

REFERÊNCIAS

- COUTO, Luis Flávio. Quatro modalidades de pesquisa em psicanálise. In: Neto, Fuad; MOREIRA, Jacqueline. **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na universidade**. Barbacena: EdUEMG, 2010, p.59-76. Acesso em: Mai. de 2021. Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20120420165701.pdf.
- DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como uma linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- EDLER, Sandra. **Luto e melancolia: à sombra do espetáculo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2 ed. 2014.
- FINK, Bruce. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2 ed. 2019.
- FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FREUD, Sigmund. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. In: ROPA, Daniela (Org). A pesquisa Acadêmica em psicanálise. **Anuário Brasileiro de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993, p.118-121.

LACAN, Jacques. A psicanálise. Razão de um fracasso. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola.. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. O ato analítico. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. Intervenção sobre a transferência. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e a dialética do desejo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 6**: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 8**: a transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **Meu ensino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LACAN, Jacques. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LÉVY, Robert. **O desejo contrariado**: ensaio sobre a impossível transmissão em psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

MENGARELLI, Hugo Daniel. **Ética e estética no ator**: uma questão de desejo. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2014.

MILLER, Jacques-Alain. **A lógica na direção da cura**. Belo Horizonte: Seção Minas Gerais da Escola de Psicanálise do Campo Freudiano, 1995.

MILLER, Jacques-Alain. **Lacan elucidado**: palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NASIO, Juan-David. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

QUINET, Antonio. **As 4+1 condições da análise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

QUINET, Antonio. **A descoberta do inconsciente**: do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SOLER, Colette. **O que faz laço?** São Paulo: Escuta, 2016.

SOLER, Colette. **A repetição na experiência analítica**. São Paulo: Escuta, 2013.

VITTAR, Hilda. Repetição. In: MACHADO, Ondina; RIBEIRO, Vera Lúcia. **Um real para o século XXI**. Belo Horizonte: Scriptum, 2014. p.327-330.